

Oferta



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

OS AFAZERES DO ANÃO SABICHÃO

Por ANÃO SABICHÃO

— Um Anão que é estudioso e goza e quer divertir, não pode ser preguiçoso, não tem pois mãos a medir. —

Assim eu ia cantando, enquanto conduzia o meu avião sem motor aos vários sítios que me reclamavam.

Fui a uma quinta, onde vive a minha amiga Clarinha. Gostei muito de a vêr tão interessada pelas galinhas e pintos que está criando.



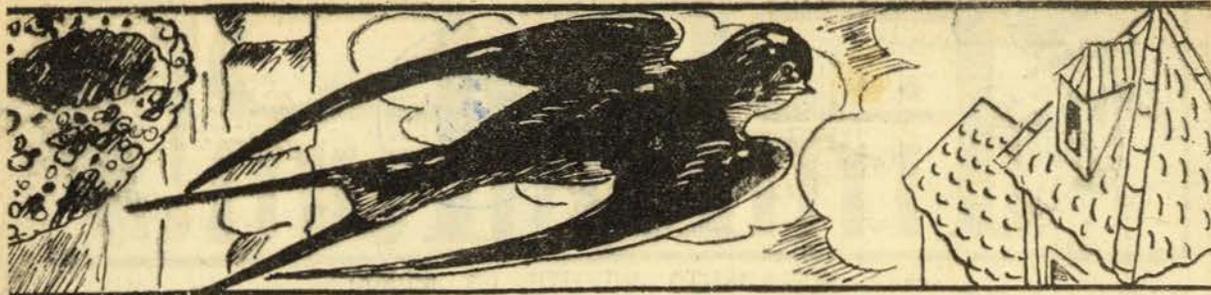
Recomendei-lhe, logo, que não pusesse verdura no chão das capoeiras e a pendurasse antes num cordel, a uma certa altura, para evitar que a criação engulisse micróbios que rastejam.

E se por acaso alguma galinha lhe aparecesse com piolhinho, não se esquecesse de fazer uma cova e a enchesse tôdas as semanas com cinza, enxôfre e cal, tudo passado por uma peneira.

As galinhas revolvem-se nisto, o que para o piolhinho é morte certa.

A amiga Clarinha ficou muito contente com





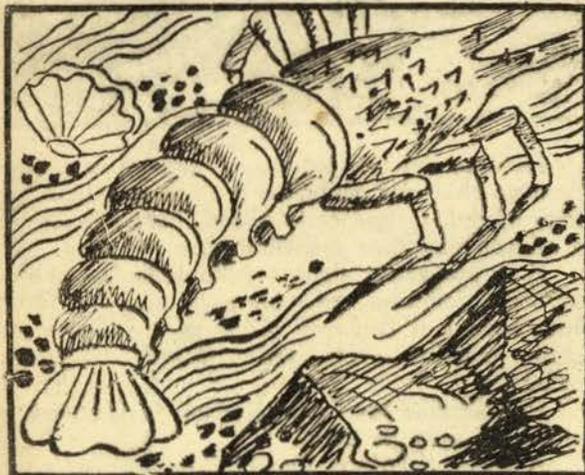
êstes conselhos e eu tratei de me dirigir para casa do Joaquim, um madraço que ainda dormia, a sono solto, e que era preciso acordar.

Atirei-lhe pedrinhas á vidraça da janela e cantarolei:

— Já te esperam na escola,
com os livros na sacola,
toca, pois, a levantar
que são horas de estudar. —

Dai a um instante, a carita estremunhada do rapazinho apareceu á janela.

Anão amigo, bom dia! —
disse-me, cor cortezia.
— Cuidado, Joaquim, cuidado,
se não andas apressado,
e assim te deixas dormir,
sem os teus deveres cumprir,



com êste Anão Sabichão,
te hás-de haver, mandrião! —
— Eu vou já para a escola,
com os livros na sacola,
espera aí um bocadinho,
que eu vou contigo, Anãozinho! —

exclamou o Joaquim, cheio de bôa vontade de me agradar.

Pouco tempo esperei por êle e lá o levei para a escola, depois de ouvir da sua bôca a promessa de nunca mais se levantar fóra de horas, para não faltar á abertura das aulas.

Nada, nada! que o Joaquim tinha um certo mêdo de ver o seu nome escarrapachado em letra redonda no «Pim-Pam-Pum», como um exemplar de mandriíce.

Mal o larguei, ouvi um piar desabalado, ali perto.

Fui logo indagar do que se tratava.

Vi uma senhora andorinha no beiral dum telhado e os seus pios aflitivos queriam dizer:

— Quero construir meu ninho
com destrêza e com carinho
mas sou uma ignorante,
ando p'ra trás, p'ra diante,
e não sei fazer mais nada,
sou mesmo uma atarantada!... —

— Vai buscar terra, vai buscar palhinhas. —
comandei eu, lá de cima do avião, á desiludida andorinha.

Muito contente, ela foi em busca do que eu lhe pedia.

Tudo aquilo amassou com a sua saliva, tal qual eu a mandava fazer, e o ninho foi aparecendo, feitossinho e lindo.

— Para os teus meninos, quando nascerem, gozarem mais comodidade, debes arranjar-lhes um colchãosinho de ervas e penas. — recomendei eu.

— Piu — piu, muito obrigadinho, p'la tua linda idéa, Anãosinho. —

Animada e activa, a andorinha trouxe no seu biquinho penas que esvoaçavam no telhado e tirou alguma penugem do seu próprio peito. Juntamente com ervas, assim armou um belo colchãosinho com que forrou o ninho dos futuros filhinhos.

Lá a deixei muito atarefada e segui, por ali fóra.

No muro duma estrada, deu-me na vista, uma cousa a remexer, a remexer...

Era uma senhora lagartixa que sofrera um desastre.

— Fiquei derrabada,
com uma pedrada,
acode Anãosinho,
põe-me o meu rabicho.

— Êsse não se pode tornar a pôr, mas não te amofines, porque outro te nascerá! — expliquei

(Continua na página 6)

MILAGRE DE NATAL

POR WANDA



MIMIZINHA

E O GRILO

POR S. R.

MIMIZINHA tem um grilo numa gaiola: — «cri-cri... cri-cri... cri-cri... cri-cri-cri!...»

E gosta tanto daquilo dessa toada do grilo, a pequenina Mimi, que passa horas, ali, a contemplá-lo e a ouvi-lo:

— «Cri-cri... cri-cri... cri-cri-cri...!»

Assim que volta da escola, a pequenina Mimi deixa a boneca e a bola; vai para o pé da gaiola, ouvir o grilo: — «Cri-cri!...»

E a Mimi, ouvindo-o, ri, ri-se e toda se consola, de ouvido atento, a escutar: — «Ih-ih-ih-ih-ih-ih!...»

Parece o grilo a cantar!

≡ F I M ≡

Nélinha tinha quatro anos, pais que a adoravam e uma boneca grande que a encantava.

E nada mais era preciso para que Nélinha fosse uma criança feliz. Porém, num dia lindo de primavera, os pais foram dar um passeio de automóvel e nunca mais Nélinha os viu.

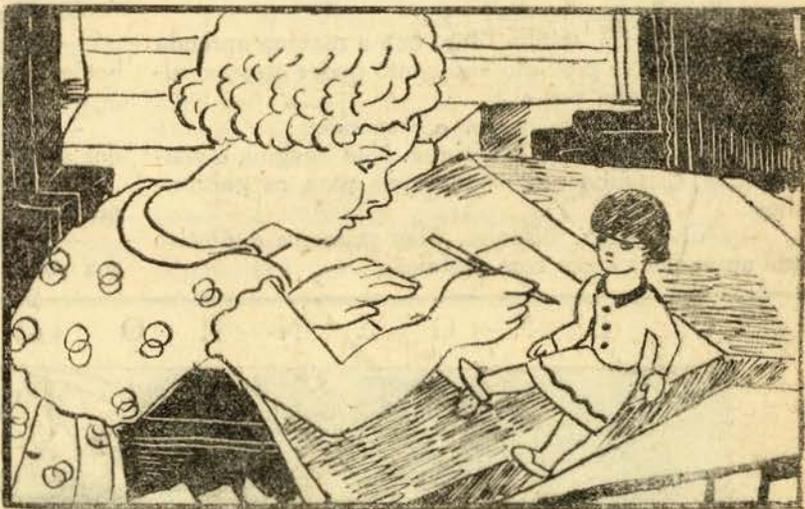
Joana, a velha criada da casa, vestiu-lhe um feio bibe preto e, ante a sua insistência em perguntar quando vinham os pais, respondeu que tinham ido para o céu onde estavam muito felizes e logo a pequenina perguntou: — «Então porque é que a Mãesinha não me levou? Se ela não vier tão depressa vou eu ter com ela...»

E o tempo passou... e a Mãesinha não voltava... e Nélinha era uma criança infeliz!

Déixou de perguntar pela Mãe e os seus risos não mais alegravam a casinha. Ficava-se sentada num canto da casa, com a boneca nos joelhos, absorta; dir-se-ia que na sua imaginaçãozinha amadurecia um plano. Em que cismaria Nélinha?

Era Natal! Esta palavra, que traduz todos os bens do mundo: corações alegres e bons, carinhos, festas, muitas luzes, brinquedos, guloseimas... árvore de Natal de alegrias e docuras... sabeis, acaso, o que para algumas almas significa?...

Vós, meninos que me lerdes, se tendes conforto e suave bem-estar nas vossas casinhas, pensai nas pobres crianças que tiritam de frio nesta noite, ouvindo as rajadas do vento fustigar as vidraças do seu lar, onde não há o calor que há nos vossos... Se tendes pais estremecidos, para quem vós sois o menino Jesus adorado, pensai naqueles que, embora num lar confortável, com brinquedos e doces... não têm o Amor de Mãe a aquecer-lhes o coração.



E Nélinha sente-se gelada... desamparada nesta noite de Natal!

Está sózinha no seu quarto, e estendida no chão. Com um lápis vai traçando num papel umas garatujas que traduz em voz alta para a boneca — sua confidente dilecta — que está deitada a seu lado.

— «Nosso Senhor: A Joana disse que os meus paisinhos estavam no Céu, ao pé de ti, e que estavam muito bem, mas então porque não me mandaste ir também? Eu teria juízo; não faria arrelhar o menino Jesus; havia de brincar com êle com muito propósito. Assim, estou muito triste. A Joana anda rabugenta, parece que não tem dinheiro. Eu ando muito feia, já nem tenho laço no cabelo e a Néné traz o bibe sujo. Se precisares muito do Papá, mandame a Mãesinha porque a Nélinha assim não pode viver.»

E, muito compenetrada do êxito do seu plano, convencida de que Nosso Senhor havia de ler e compreender aquelas garatujas a que ela chamava carta, foi, de noite, às escondidas de Joana, pé-ante-pé e com o coraçõsito aos saltos, pô-la dentro do sapato para que o «Papá-Natal», quando descesse á chaminé para, como de costume, lhe deixar os brinquedos cobiçados, encontrasse a carta e a levasse para o Céu.

Correu, depois, para a caminha sentindo na sua alminha uma tranquilidade, um apaziguamento há muito não sentido e, sorrindo a uma visão linda, adormeceu...

(Continua no próximo número)

HISTORIA DUM BURRINHO

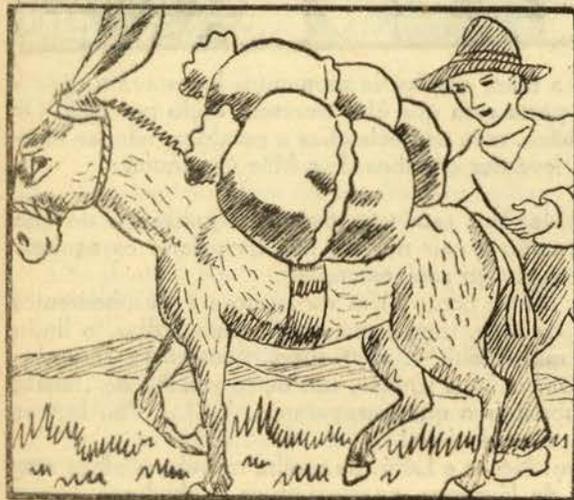
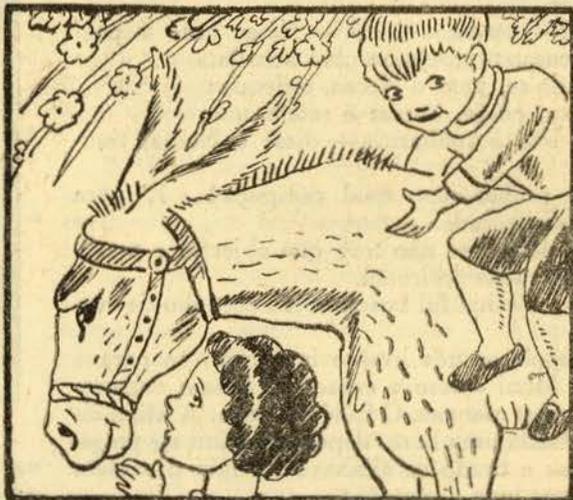
Por J. S. F.

Era uma vez um bonito burrinho que brincava com seu pai e sua mãe numa pradaria de Poitou, em França. Pertenciam a uma raça pouco vulgar.

Quando o animal chegou á idade de trabalhar, venderam-no por quatrocentos francos a um agricultor que, imediatamente, o mandou ferrar. Em seguida atrelou-o a uma charrua lado a lado com um cavalo, o que era de finais para as suas forças.

Como o animal não podia com o serviço, venderam-no por trezentos francos a um saltimbanco, o qual o ensinou a comer á meza com um guardanapo ao pescoço e a dançar sobre as patas trazeiras, ao som dum clarinete.

Um dia, um preguiçoso pediu ao saltimbanco para lhe ceder o burro a-fim-dê-le ganhar a vida. Mas como não sabia fazer ao burro os sinais necessários, este não realisava



nenhuma habilidade e o público ria a bom rir do homem que não conhecia o seu officio.

Furioso da sua ignorância, o preguiçoso vingava-se cruelmente sobre o pobre jumento que, aliás, não tinha a mais pequena culpa do insucesso.

Por fim, vendeu o burro por duzentos francos a um homem de Montmorency, que alugava desses animais para passeio.

Muitos maus cavaleiros maltratavam o jumento, não obstante este se vingar mordendo-os e atirando-os a terra.

Tornando-se assim perigoso, venderam-no por cem francos a um moleiro muito mau. Fazia-o carregar sacos de farinha bastante pesados e muitas vezes, agravava o

(Continua na pagina 7)

OS AFAZERES DO ANÃO SABICHÃO (Continuado da pagina 2)

eu. — Já não te lembras, que o mesmo tem succedido a várias lagartixas da tua família? —

— E' verdade, amigo Anão! Tenho a memória fraca!... Ainda há pouco tempo uma das minhas primas appareceu com um rabicho novo, depois do antigo lhe ter ficado entre dois pedregulhos? — exclamou, já, cheia de esperança a lagartixa derrabada.

Segui depois por cima do mar, e vi, numa pôça, ao fundo dum rochedo, uma lagôsta, que parecia muito doente, chorando e carpindo.

Cheio de pena, perguntei-lhe:

— De que te queixas, amiga lagôsta?

— Não vêes, Anãosinho, que estou a largar a casca?

Que vai ser de mim, sem a linda couraça brilhante que tão bem me vestia! — e as lágrimas d' pobre lagôsta eram tantas que a pôça, onde ela vivia, já transbordava inundando os rochedos.

Mas a minha voz bradou, lá do avião, consolando-a, assim:

— Hás-de ter outros revêzes, se te deixarem viver,

isso te há-de acontecer,

ainda mais umas seis vezes! —

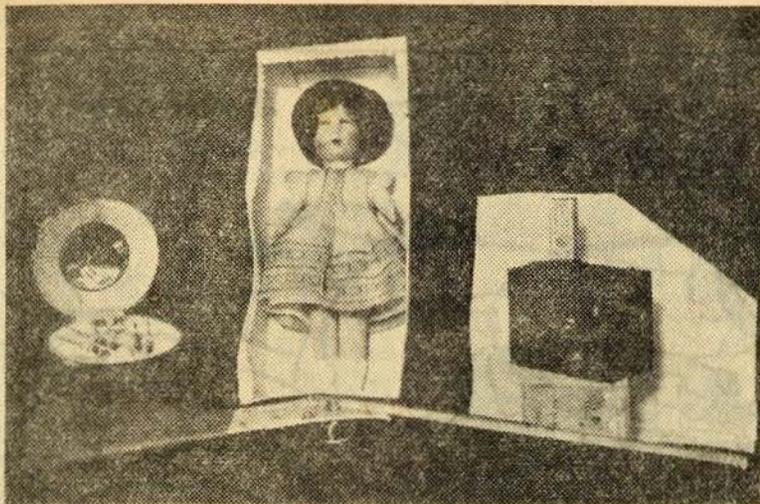
— Seis vezes, Anãosinho! — exclamou a lagôsta, admiradissima.

— E' como te digo! Seis vestidos couraças, como tu lhe chamas, te hão-de nascer e outros tantos te hão-de largar! A tôdas as lagôstas de longa vida, succede tal precalço! —

— Por essa não esperava eu! Mas já que assim acontece a toda a minha família, deixa-me enxugar as lágrimas. Até é vergonha a minha ignorância! —

Resignada á sua sorte, a lagôsta ficou á espera que uma casca nova viesse substituir a velha, e eu vim escrever esta descrição da minha manhã de trabalho, para que os meus meninos vejam quanta actividade preciso empregar, para cumprir á risca a missão da minha vida! Consolar, ensinar, distrair, divertir, muito rir, para ser um Anão muito querido dos leitoresinhos do «Pim-Pam-Pum».

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■



CONCURSO EPISTOLAR

ORGANIZADO POR GRACIETTE BRANCO

QUERIDOS afilhados: — Publicando, hoje, as cartas premiadas no nosso Concurso epistolar, felicitamos todos os pequeninos concorrentes, incluindo mesmo os que não foram, sequer, classificados mas provaram boa vontade e esmeraram o mais que puderam, pois todos manifestaram muitas qualidades que, em futuros concursos, poderão conseguir primeiros prémios ou altas classificações.

No próximo número publicaremos os retratos dos signatários das cartinhas abaixo publicadas e a lista dos restantes concorrentes que obtiveram classificação digna de especial referência. Não o fazemos já hoje por falta de tempo e de espaço.

1.ª IDADE

Lisboa, 1/12/1934.

Minha boa Madrinha e Amiguinha Graciette.

Primeiro que tudo, quero felicita-la por esta feliz ideia.

Não fui uma das primeiras a escrever-lhe mas parece-me que não serei das ultimas.

Uma das grandes alegrias que tive foi os anos do meu bom Paisinho pois gosto muito dele. Foi um dia em que brinquei muito. Também gosto muito da minha Mãesinha e, quando ela faz anos, ando sempre muito satisfeita.

Durante o dia estudo as minhas lições e depois ajudo a fazer a lida da casa à minha boa Mãesinha.

Faço, também, malha, leio o «Pim-

Pam-Pum» e, agora, ando a ler um livro que se chama «A Mariazinha em Africa», que é muito bonito.

E por hoje nada mais tenho a dizer-lhe.

Acete muitos beijinhos da sua querida afilhada e amiguinha, *Antónia Josefa dos Santos Guimarães*

Tenho 9 anos e moro na Rua Antonia Andrada, 7, 2.º Dto. Lisboa.

Minha boa Amiguinha

Sou do Estreito e tenho vivido com o meu padrinho em Coimbra. Desde as férias grandes que estou na companhia de meus pais e junto deles continuarei por muito tempo, pois querem que antes que volte para Coimbra faça exame de instrução primária. Tenho oito anos e já frequento a 3.ª classe. Gosto de aprender e disse o meu professor que aproveito bem o tempo. Quero estudar com cuidado para que possa mudar de classe no fim do ano. Aqui, no Estreito, a escola é muito bonita, toda branquinha por dentro e por fora e com muita luz. Gosto de ir à escola onde aprendo coisas bonitas e uteis. Também gosto de lhe escrever para me habilitar ao prémio que a minha amiguinha oferecerá àquele que mandar ao «Pim-Pam-Pum» a carta mais bem feita.

Uma espingarda, que bom!
Seu Amiguinho muito dedicado, *Chiquito Mendes Ribeiro*—Oleiros, Estreito.

Minha querida Madrinha,

Acetto o convite, mas não se ria da minha gramática, nem dos meus gatinhos. Cartas, só sei escrever as que a Maria, a criada, me pede para as enviar à Mãe, que é da provincia.

Não admira. Faço 11 anos para o mês que vem. Não digo o dia para não incomodar a madrinha a mandar-me para-

bens. Se não fôsse isso, não me importava dizer-lhe que os faço no dia dez!

Tenho exame de instrução primária: sou aluna do *Colégio Feminino Francês*, ao Salitre, onde também aprendo ginástica.

Os padrinhos que me educam, são quasi pobres, por isso a praia que frequento é Pedrouços, um dia sim, um dia não. Tomo os banhos numa jangada onde há mestre de natação. Divirto-me bastante, porque gosto muito de nadar.

Mas que tem a Madrinha com isso? É falta de assunto. Se lhe digo que amo os seus versos, que sei alguns de cor, que a Madrinha é a Mãesinha das crianças, que a estimo, poetisa talentosa; a Madrinha dirá que lhe estou a dar manteiga, para apanhar o prémio maior.

Nem por sombras! O que eu gosto é de brincar, até mesmo a escrever, e escrevo como falo por ser isso o que mais convem ao estilo epistolar segundo me afirma senhor muito ilustrado que vem cá a casa. Senhoras instruídas, são quem mais correctamente escrevem cartas, pois escrevem como falam. Palavras dele e não minhas.

Eu cá entendo que uma carta bem feita deve ter dentro uma ideia, e eu tenho uma ideia a favor das Florinhas da Rua. Mas fica para outra vez.

Não devo maçar mais a Madrinha e são horas de eu ir à lição de piano.

Em resumo: — as macadãs estão proibidas, e Roma e Pavia não se fizeram num dia.

Beija-lhe a mão a sua afilhada que muito lhe quere e a admira, *Severina Mendes Filipe*, Av. da Liberdade, 190 c/d.

Lisboa, Novembro de 1934.

Minha querida Madrinha Graciette

Ora aqui me tem, em pensamento, ajoelhado aos seus pés e a beijar-lhe a sua mão direita, que deve ser branca e leve, como era a mão da Rainha Santa — aquela mão que transformava as rosas em dinheiro e o dinheiro em rosas — quando contemplava os pobrezinhos, que a ela se dirigiam.

Pois eu também sou pobrezinho, porque já não tenho Mãe, e a minha maior ambição actual era ser fotografo.

Se, pois, a minha querida Madrinha pudesse fazer o lindo milagre de transformar o «Pim-Pam-Pum», que eu leio com satisfação, num máquina fotografica, e me entregasse pelo Natal, como outrora a Rainha Santa entregava rosas aos pobrezinhos, para lhes matar a fome, eu prometo que iria em grata peregrinação até Lisboa, para lhe tirar o retrato, com a mesma máquina que eu recebesse. Esse retrato viria comigo, junto do meu peito; e aqui seria colocado num oratório, onde se encontra a santa da minha maior veneração: — minha Mãe! Eu rezaria todos os dias uma sentida oração de afectos e gratidão, em louvor de quem converteu em realidade os meus sonhos dourados, de há muito tempo.

Pois sim, minha Madrinha? E não me viessem depois dizer que os milagres são lendas...

Do seu afilhado *Mt.º at.º* e esperancado *Afonso Antunes de Castro* (com 14 anos e meio e exame da 4.ª classe), S. João do Campo, 14 de Novembro de 1934.

HISTÓRIA DUM BURRINHO

(Continuação da pagina 6)

peso montando sobre o animal ao mesmo tempo que fumava no seu cachimbo.

Certa vez o pobre burro caiu sobre a carga e o mau homem deu-lhe ainda com um pau, apesar do animal não poder levantar-se.

Nesse momento passou um músico ambulante conduzindo toda a sua familia num carrinho. Dirigiu-se ao moleiro e gritou-lhe:

— Como permite teu coração bater assim no pobre jumento prestes a succumbir? Tira-lhe a carga quanto antes para o aliviar. —

Uma vez desembaracado dos sacos, o animal levantou-se. Vendo assim o moleiro o estado esquelético em que o

bicho se encontrava, resolveu-se a vendê-lo ao músico por vinte e cinco francos.

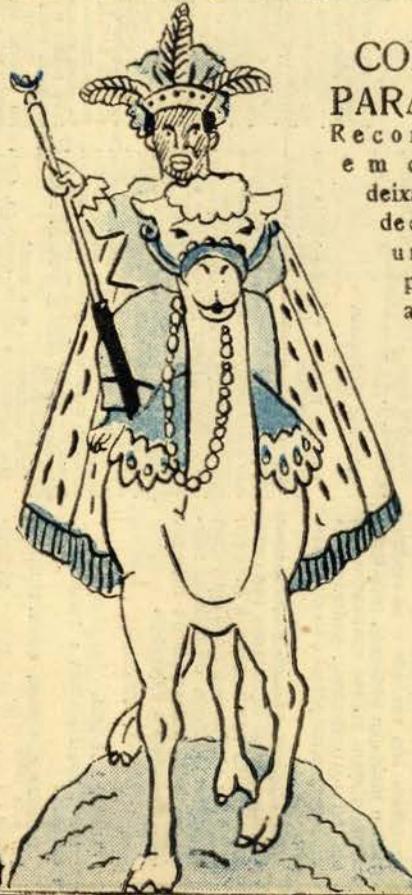
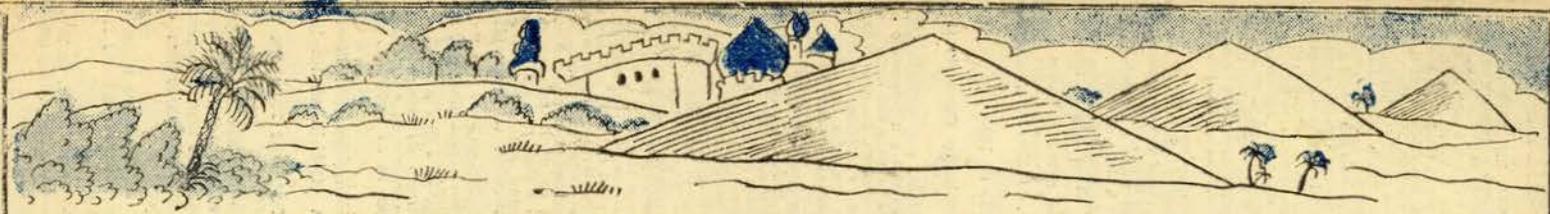
O músico cuidou do jumento, fazendo-o recuperar a saúde e a força.

Poude assim atrelá-lo ao carrinho, trabalho pouco fatigante. Bem tratado e estimado, o antigo burrinho que brincava na pradaria de Pointon, tornou-se bom e manso, deixando-se acariciar pelas crianças, permitindo-lhes o montassem para passarem e divertirem-se.

Ao vê-lo com tão boa aparência, todos os que tinham maltratado o nosso jumento, compreenderam quanto foram estúpidos e quiseram readquiri-lo.

— Imbecis! — replicou o músico ao saltimbanco, ao preguiçoso, ao agricultor e ao moleiro — enquanto vocês maltrataram os animais, eu faço deles amigos.

Guardai o vosso dinheiro que eu guardo o meu burro. —



CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

Recortar e colar
em cartolina
deixando no fundo
de cada desenho
um espaço
para dobrar
a-fim de
se
poder
pôr
de pé
a cons-
tru-
ção



OS
REIS
MAGOS